

PARA ONDE A GENTE VAI? – Profecia e contrapropecia em Jeremias 43,1-8

Elcio Sant’Anna

Ê, vida de gado,
Povo marcado, povo feliz.

Zé Ramalho

Introdução

Diversos movimentos religiosos se dispuseram a qualificar a sua liderança, de maneira que todo o tipo de metodologia foi experimentado na tarefa de conduzir as massas ao Sagrado. Mas, o que se tem percebido com isto é que nem sempre houve um real interesse para com as necessidades mais básicas das pessoas. O que muitas das vezes se buscou foi adquirir um *rend cup* político, ou uma vantagem pessoal, que na melhor das hipóteses traria um afluxo de fiéis / consumidores / correligionários. Neste contexto, talvez a situação mais difícil de ser vivida é a de ser povo, pois sempre se quer que este seja somente massa.

O povo de Judá se viu nesta situação quando ‘as vozes de Deus’ começaram a se multiplicar dentro do contexto de dispersão de Israel. As profecias passaram a se configurar dentro de um plano visivelmente político, em que as elites de Jerusalém se sentiram no direito de moldá-las conforme seus projetos e interesses; principalmente quando o alegado porta-voz contraria o *status quo*. Mas isto sempre foi assim (Jr 28, 1-17; Am 7,10-17). Então, o que mudou desta vez? Parece que isto antes acontecia na “surdina”, na “maciota”. Em Jr 43,1-7 as coisas parecem ser bem mais às claras. Faço um convite para que a gente veja como as coisas se processam neste texto. E isto deverá ser feito a partir da perspectiva das formas literárias. Assim, será necessário um vislumbre da tradução, da poesia, do lugar social e da mensagem.

1. Ouvindo outras vozes na profecia

¹E aconteceu ao terminar Jeremias de falar para uma totalidade do povo, uma totalidade das palavras de Javé, Deus deles, que enviou Javé, Deus deles, uma totalidade das palavras para eles. ²E disse Azarias filho de Osaías e Joanã filho de Carea e uma totalidade de homens insolentes, dizendo para Jeremias: “Mentira tu falas. Não te enviou Javé, nosso Deus, para dizer: Não entreis no Egito para habitar ali. ³Baruc filho de Nerias incita-te contra nós para entregar-nos na mão dos caldeus, para matar-nos e para remover-nos para Babilônia”. ⁴E não ouviu Joanã filho de Carea e nem uma totalidade de comandantes dos exércitos e a to-

talidade do povo à voz de Javé para permanecer na terra de Judá. ⁵E levou Joaná filho de Carea e uma totalidade dos comandantes dos exércitos a uma totalidade do restante de Judá que retornara da totalidade das nações que foram dispersas para morar na terra de Judá. ⁶Os homens e as mulheres e crianças e as filhas do rei e a totalidade das vidas que Nabuzardã, chefe da guarda deixara junto com Godolias, filho de Aicam, filho de Safã e Jeremias, o profeta, e Baruc filho de Nerias. ⁷E entraram na terra do Egito porque não ouviram a voz de Javé e vieram para Táfnis.

2. Detectando a polêmica

Nossos versículos situam-se em um texto maior que pode ser identificado como sendo Jr 40,13–44,20. Normalmente este trecho recebe o seguinte título: 1) “Godolias governador; seu assassinio (*Bíblia de Jerusalém*); 2) “Godolias assassinado” (*Tradução Ecumênica da Bíblia*); 3) “Fanatismo irresponsável” (*Bíblia Pastoral*); 4) “Joaná avisa Godolias”. Outros chamam esta grande composição de Godolias e a fuga para o Egito. Já nomeiam esta parte do livro de: “a parte principal do livro de Baruc”. Na obra de Werner Hans Schmidt este texto aparece com a seguinte compreensão: “assassinato de Gedolias (caps. 40-41) e partida para o Egito, contrariando conselho de Jeremias”¹. Com isto a gente sabe que o texto de Jr 40,13–44,20 surge no contexto da morte de Godolias e a fuga de um montante considerável dos judaítas para o Egito.

A *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*/BHS subdivide este grande texto da seguinte maneira: a) 40,13-16; b) 41,1-6; c) 41,7-10; d) 41,11-15; d) 41,16-18; e) 42,1-6; f) 42,7-17; g) 42,18-22; h) 43,1; i) 2-7; j) 43,8-13; l) 44,1; m) 44,2-6; n) 44,7-10; o) 44,11-14; q) 44,15-20. Sendo assim, o texto em questão deveria ser considerado com uma forma compósita, de acordo com a divisão da BHS: Jr 43,1+2-7.

Segundo a BHS o texto de Jr 43,1 está um tanto isolado do parágrafo anterior (Jr 42,18-22) quanto também do que se segue em v. 2-7. Este material poderia ser considerado um enxerto redacional. Todavia do ponto de vista do conteúdo, acomoda-se perfeitamente à narrativa em curso, como a gente vai ver mais adiante.

Mantendo-se intencionalmente a forma compósita de Jr 43,1+2-7, uma coesão passa a ser apresentada como sendo um questionamento da autoridade do profeta Jeremias em anunciar uma palavra de Javé desfavorável aos intentos dos sobreviventes de Judá.

43,1+2-7 esmera-se por conectar-se ao discurso de Jeremias na porção textual anterior. Como um sinal luminoso que aparece diante do leitor o texto diz: “e aconteceu ao terminar Jeremias de falar” (v. 1a). O discurso do profeta é o motivo do que segue na narrativa. Contudo é exatamente este o elemento que distancia o motivo de seu complemento. Um elemento artificial une a profecia e os questionamentos ao profeta. Assim, nos v. 18-22, o profeta anuncia que Javé derramaria sua cólera e furor sobre

1. Werner Hans Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 228.

aqueles que fugissem para o Egito. Já nos v. 2-7 Jeremias é chamado de mentiroso, dis-simulado e manipulado.

No texto de Jr 43,1+2-7, o profeta não se apresenta nem como proponente de discursos e assertivas, e nem como um ator. Jeremias é apenas mencionado na terceira pessoa. O grande profeta que na cena anterior é um porta-voz de Javé, aqui se mostra passivo, perplexo diante de todas as afirmações.

O tom da perícopé é de polêmica. As palavras de Jeremias provocam uma alteração de Azarias e Joanã. Dizem claramente que Jeremias: a) mente; b) não foi enviado de Javé; c) foi manipulado por Baruc. Com isto os v. 4-7 dizem que os sobreviventes de Judá não obedeceram às palavras de Jeremias e partiram para o Egito, para escaparem da ira de Babilônia. A imagem evocada aqui é que os dissidentes do profeta estão em polêmica com ele. O tema da polêmica traz a consistência e coesão à porção textual.

3. Percebendo vozes enraivecidas

A poesia deste texto merece ser vista com bastante vagar. É necessário que a gente perceba que do ponto de vista da forma o texto tem uma configuração complexa. O texto de 43,1+2-7 tem um formato diferenciado: v. 1-2a, v. 2b-3 e v. 4-7. Os v. 1-2a são uma narrativa em prosa. Já os v. 2b-3 são um pronunciamento preservado em forma de prosa elevada. E os v. 4-7 completam a moldura narrativa da perícopé. A moldura narrativa do texto concede ao leitor: coordenadas históricas, motivações, localização e referências sociais das pessoas envolvidas.

O eixo de prosa elevada do trecho é pura fúria. Um discurso descontrolado. Nele a gente encontra um falar de maneira exasperada, faltando-lhe até mesmo, termos essenciais às orações. Tem algo de poesia inflamada e afetada. Estas lacunas lhe dão o *status* de poesia intermediária, que também pode ser chamada de “prosa elevada”.

Expressões como “Baruc filho de Nerias incita-te contra nós” (v. 3a) apresenta um primeiro complemento: “para entregar-nos na mão dos caldeus” (v. 3b). Desta maneira a gente encontra neste versículo uma oração completa: a) sujeito – Baruc; b) verbo – incitar; c) predicado – para entregar-nos na mão dos caldeus. Mas daí por diante, sujeito e verbo desaparecem, para somente apresentar predicados: “para matar-nos e para remover-nos para Babilônia”. São palavras rápidas, com ritmo acelerado. Quem está falando está raciocinando em bloco. Não consegue dizer tudo o que está pensando. É um discurso típico de quem está no meio da rua, tendo uma discussão acalorada, tomado de ira.

4. Um bate-boca no meio da rua

Apesar do cativo (597/587-539 aC), uma população de judaítas permaneceu em Judá (39,9-10). A dispersão terminou por ir transformando Judá em uma colônia².

2. Norman Karl Gottwald, *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, São Paulo: Paulus, 1988, p. 395-396.

A população de judaítas, que permaneceu no território, aproximava-se por volta de 55 mil habitantes. Mas houve a oportunidade das comunidades da Palestina se manterem coesas e preservarem suas tradições³. O “antigo regime” de Judá não mais correspondia às necessidades dos judaítas. Vínculos com a antiga casa de Davi não eram vistos com bons olhos por Jeremias⁴.

O governador Godolias havia tomado medidas econômicas saneadoras da situação gritante que o país se encontrava. Estes impulsos permitiram que Judá conseguisse um recorde na sua safra de vinho, azeite e frutos diversos, possibilitando o retorno de judaítas que estavam em Moab, Amom e Edom. Um país totalmente desestruturado estava tendo a chance de recomeçar⁵. Apesar disto representar um reflorescimento da vida camponesa de Judá, grupos leais ao “antigo regime” se articularam para matar o governador, pois havia o preço a pagar: a lealdade à Babilônia (40,7-12). Jeremias, que tinha visto a obra de Godolias em favor dos pobres e camponeses, assumiu uma posição de acreditar que tudo sairia bem.

Os grupos leais ao “antigo regime” temiam por suas vidas e do remanescente da família real. As filhas do rei de Judá estavam entre aqueles que temiam pela sua segurança, uma vez que o representante de Babilônia havia sido morto. É neste contexto que Jeremias é abordado no “meio da rua”. Buscam pelo oráculo de Javé. Querem saber o caminho de Javé para os remanescentes que retornaram de Babilônia (42,2-3). Diziam a Jeremias que qualquer que fosse a vontade de Deus, boa ou ruim, estavam prontos a ouvir (42,5-6). Jeremias ainda não havia aprendido que qualquer que fosse a vontade de Deus, nunca deveria contrariar as pretensões hegemônicas das elites de Judá, mesmo aquelas que já deveriam ter se rendido à vontade de Javé.

5. Entendendo para onde o povo vai

Como saber para onde ir quando se está no meio de um turbilhão de opiniões e de posições que se apresentam como determinações do Sagrado para a vida do povo de Deus? Diante de diversos líderes que se auto-referenciam como porta-vozes dos céus, mulheres e homens de bem devem se acercar de uma percepção muito clara de que existem palavras de vida e de morte.

Diversas palavras que se apresentam como verdadeiras orientações vindas dos céus, do rei, da ciência, da sabedoria e da economia precisam ser verificadas em seu potencial desagregador da realidade. São idéias mirabolantes, mas que não têm o poder de transformar a vida, não podem produzir mudanças na vida de homens e mulheres que sofrem imposições de credo, gênero e etnia. São palavras que precisam ser denunciadas.

3. Antonius H.J. Gunneweg, *História de Israel – Dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias*, São Paulo: Teológica/Loyola, 2005, p. 206.

4. Jorge Pixley, *A história de Israel a partir dos pobres*, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 84.

5. Antonius H.J. Gunneweg, *História de Israel...*, p. 206.

As palavras devem ser comprometidas com aqueles que trabalham no campo, nas fábricas, nas feiras, nas repartições. Devem ser comprometidas com aqueles que dão o melhor de si, para que a vida se renove a cada manhã, com aqueles que produzem o pão que deve ser comido todos os dias pela criança, pelo idoso, por aqueles que resistem, não permitindo que estruturas os marginalizem.

Profecia é palavra vinda da boca do profeta, que busca resgatar a dignidade de homens e mulheres que não querem ser tratados como gados, prontos a serem tocados na aventura rumo ao proveito próprio e vantagem pessoal. Não adianta rotular a profecia raivosamente de mentira, porque toda profecia verdadeira tem algo dos céus, mas também certamente algo da terra. O profeta é aquele que se preocupa com a vontade de Deus, mas é alguém que, sobretudo, se interessa pelo destino dos homens.

Elcio Sant'Anna
Rua Maria Mendes Vechi, 70 – Ap. 201
Centro
Mesquita/RJ
26553-070
elcio.sant@gmail.com